

Organizadores

Lia F. Christovão Falsarella | Cybelli Morello Labate |
Guiomar Papa de Moraes | Josimara Magro F. de Souza |
Julio Cesar Tadeu Chavasco Labate | Maria A. G. G. Brossi Pelissari |
Maria Bernadete Figueiró de Oliveira

PSICANÁLISE

(Im)permeáveis fronteiras

*V Bienal de Psicanálise e Cultura da Sociedade
Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto*

Blucher



(IM)PERMEÁVEIS FRONTEIRAS

*V Bienal de Psicanálise e Cultura da Sociedade
Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto*

*Este livro é uma iniciativa da
Comissão Curadora das Bienais da SBPRP*

Organizadores

Lia Fátima Christovão Falsarella

Cybelli Morello Labate

Guiomar Papa de Moraes

Josimara Magro Fernandez de Souza

Julio Cesar Tadeu Chavasco Labate

Maria Aparecida Garcia Galiote Brossi Pelissari

Maria Bernadete Figueiró de Oliveira

(Im)permeáveis fronteiras: V Bienal de Psicanálise e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto

© 2024 Lia Fátima Christovão Falsarella, Cybelli Morello Labate,
Guiomar Papa de Moraes, Josimara Magro Fernandez de Souza,
Julio Cesar Tadeu Chavasco Labate, Maria Aparecida Garcia Galiote Brossi Pelissari,
Maria Bernadete Figueiró de Oliveira (organizadores)
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Bárbara Waida

Diagramação Guilherme Salvador

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa André Bonani

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

(Im)permeáveis fronteiras : V Bienal de
psicanálise e cultura da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Ribeirão Preto / organizado por
Lia F. Christovão Falsarella...[et al] – São Paulo :
Blucher, 2024.

304 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2443-3

I. Psicanálise I. Falsarella, Lia F. Christovão
II. Bienal de psicanálise e cultura

24-2024

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	9
<i>Lia F. Christovão Falsarella, Cybelli Morello Labate e Julio Cesar Tadeu Chavasco Labate</i>	
Introdução	15
<i>Josimara Magro F. de Souza e Guiomar Papa de Morais</i>	
Parte I	
100 anos do “Além do princípio de prazer”	
1. Apresentação – Orquestra Mundana Refugi	27
<i>Marta Dominguez Sotelino</i>	
2. Inconfidência de Vinte: pulsão de morte, o incontornável de nossas origens	31
<i>Ignácio A. Paim Filho</i>	
3. Entrevista com Ignácio A. Paim Filho	39
<i>Guiomar Papa de Morais, Josimara Magro F. de Souza, Maria Aparecida G. G. Bossi Pelissari e Maria Bernadete Figueiró de Oliveira</i>	

Afinal, quem é o vilão? Das atrocidades à irreflexão,
de que maldade falamos?

4. Apresentação – Afinal, quem é o vilão que se apresenta nos espaços dos subterfúgios da maldade? 67
Lilian Tosi de Melo e Ana Regina Morandini Caldeira
5. O que a ausência de pensamento tem a ver com o mal? 71
Douglas Garcia Alves Júnior
6. O perigo mora ao lado? Algumas reflexões sobre o tema do preconceito 83
Silvia Maia Bracco

Parte II

O estrangeiro como conceito-limite entre o político e o psicanalítico

7. Apresentação – Documentário *A linguagem do coração* 103
Silvana Mara Lopes Andrade
8. A xenofobia, o estrangeiro e o *Unheimliche*: elucidicações entre o político e o psicanalítico 109
Diego Amaral Penha e Miriam Debieux Rosa

Isso é coisa de preto: sobre a invisibilidade do racismo

9. Atávico ou quase diário 127
Rogério Miranda
10. Entrevista com Wania Maria Coelho Ferreira Cidade 131
*Guiomar Papa de Morais, Cybelli Morello Labate,
Josiane Barbosa Oliveira e Maria Bernadete Figueiró de Oliveira*
11. Branquitude e subjetividade 155
Lia Vainer Schucman

Parte III

Refugiados dentro do próprio país: catástrofes ambientais,
sociais e psíquicas

12. Nota de pesar 171
Josimara Magro F. de Souza
13. Apresentação – Documentário *O som das palafitas* 173
Cybelli Morello Labate
Julio Cesar Tadeu Chavasco Labate
14. Ao som das palafitas e da escrevivência: é possível criar
mesmo assim? 177
Mônica Guimarães Teixeira do Amaral

Ideias para adiar o fim do mundo

15. Carta-manifesto 193
Miguel Marques
16. Aproximações com as musicalidades indígenas 197
Magda Pucci
17. Vamos nos encantar com a vida na Terra 215
Ailton Krenak
18. Ideias e sonhos para adiar o fim do mundo subjetivo 225
Sergio Lewkowicz

Parte IV

Diálogos poéticos nas fronteiras: a potência da arte

19. Apresentação – Diálogos poéticos nas fronteiras:
a potência da arte 237
Alessandra Paula Teobaldo Stocche, Ana Cláudia
Gonçalves Ribeiro de Almeida e Marina Zema

20. Todas as vozes ecoam em nós <i>Maria Vilani</i>	249
O psicanalista nas (im)permeáveis fronteiras sociais, culturais e políticas	
21. Apresentação – Documentário <i>Pipas, meninos e muros</i> <i>Maruzza T. Cerchi Borges Fonseca</i>	259
22. Gesto político e clínica psicanalítica <i>Magda Guimarães Khouri</i>	263
23. Além das fronteiras: territórios erodidos <i>Silvana Rea</i>	275
24. Soltando pipas nas fronteiras entre as comunidades e o infantil <i>Sergio Eduardo Nick</i>	283
Apresentação dos participantes	291
Nota de reconhecimento	299

Prefácio

Lia F. Christovão Falsarella

Cybelli Morello Labate

Julio Cesar Tadeu Chavasco Labate

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar mas não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós.

Agamben (2006/2009, p. 65)

Na obra de Freud encontramos abundantes referências e modelos extraídos de outras áreas da cultura, das ciências e das artes – exemplo magno vemos no uso que fez do mito de Édipo, recontado na tragédia de Sófocles. Podemos vê-lo, frequentemente, se debruçando sobre obras literárias, como a *Gradiva* de W. Jensen, ou sobre biografias, como a de Leonardo da Vinci, ou em ativa correspondência com personalidades de sua época, como as cartas de 1932 entre ele e Einstein sobre o porquê da guerra, antecedendo a invasão nazista na Áustria. Vale ainda mencionar aqueles textos agudos, críticos, originais e sempre atualíssimos, mesmo quando controversos, que compõem um conjunto referido, geralmente, como as obras culturais de Freud – *O mal-estar*

na civilização (1930-1936) é um desses clássicos que podemos citar. Temos, portanto, uma farta herança nesse sentido.

Freud referiu-se, em muitas oportunidades, a começar pelo *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1950), ao fato de o homem dever sua civilização, sua cultura e seu desenvolvimento como ser ético a sua prolongada infância, conclusão referendada por muitos outros autores. Somos seres culturais, inclusive por nossa natureza física e pela do mundo que nos rodeia, essa condição que nos colocou dependentes de amor e cuidados por uma longa infância.

A esse “animal symbolicum” – como fomos nomeados por Cassirer, em seu *Ensaio sobre o homem* (1944) – urge se comunicar. Impossível é concebermos qualquer produto dessa cultura, ciência ou arte que caminhe isoladamente. Acontece com a psicanálise, como com qualquer outra área, que as teorizações não evoluem isoladas das tendências que orientam as ideias prevalentes num determinado momento cultural.

Freud falava aos e com os de sua época, muitas vezes polêmico, revolucionário, ou simplesmente provocando repúdios, mas em fértil contemporaneidade. Desde então, a história da psicanálise vem sendo marcada por períodos de maior ou menor permeabilidade em suas fronteiras.

Trilhar um caminho isolado tem seus riscos. Um deles é ter de si mesmo uma ideia acabada, quando, então, as premissas beiram os dogmas. Outro risco é encontrar-se tão aderido aos valores circundantes que, não oferecendo nenhuma resistência, ou não encontrando nenhuma resistência, tem-se uma falsa convicção quanto ao grau de liberdade, autonomia ou emancipação.

Foi em meio à efervescência científica e cultural em que vivia nosso país nas décadas de 1910 e 1920 que a psicanálise chegou ao Brasil para ter seu papel naquele momento histórico. Para citar uns poucos, sem nos estendermos muito, podemos lembrar o eminente psiquiatra Juliano Moreira, homem negro, de vasta cultura, que dominava várias

línguas, entre elas o alemão, o que lhe permitiu ter acesso às obras de Freud no original. Juliano Moreira promulgava explícita discordância da ideia de degeneração relacionada à mestiçagem, que impregnava algumas teorias da época. Resenhou o livro de Franco da Rocha – *O pansexualismo na obra de Freud*, de 1920. Francisco Franco da Rocha e Durval Marcondes são outros expoentes desse momento histórico no começo do século XX. Fundaram, em 1927, a Sociedade Brasileira de Psicanálise, empreendimento que teve vida breve, mas assinala o vigor da época.

A psicanálise também fez sua contribuição, naquele momento, na busca do novo paradigma para o homem brasileiro, com a significativa penetração da obra de Freud – em particular *Totem e tabu*, de 1913 – entre os modernistas. Foi um período de intensa circulação de ideias e, ainda que nem sempre tenhamos vivido uma tal pujança, temos visto nos últimos tempos movimentos importantes nessa direção. Podemos dizer que é a psicanálise se abrindo para algo de sua vocação mais genuína, já que a psicanálise é das fronteiras, se dá nas fronteiras. Partimos daquele campo que se estabelece *entre dois* e o diálogo possível nessa interferência mútua é nosso instrumental básico.

Em 2020, comemoramos o centenário de “Além do princípio do prazer”, obra transformadora de Freud que amplia radicalmente as bases da psicanálise e que vem se desdobrando ao longo de todas essas décadas em novos conceitos, aparelhando a psicanálise para a contemporaneidade que lhe é exigida. Também há aproximadamente um século, a psicanálise chegava ao nosso país e, agora, como naquele momento, mais uma vez experimentamos os movimentos convulsivos de uma época. Vemos, a cada dia, o aflorar de novos paradigmas, alguns nas próprias fundações de nossa estrutura social. Vivemos o oximoro da desestabilização cotidiana. São tempos desafiadores – tempos promissores e ameaçadores a uma só vez –, pois estão em pauta questões que atinam inclusive à sobrevivência de nossa espécie no planeta.

A psicanálise transborda os limites de sua clínica a portas fechadas. Volta-se para questões sociais, ambientais, políticas, com as quais está, naturalmente, implicada – muitas dessas questões trazidas nessa V Bienal, “(im)permeáveis fronteiras”.

As Bienais de Psicanálise e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) tiveram início em 2008, inspiradas inicialmente nas fabulosas bienais que aconteciam na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) na década de 1990, com a coordenação de Luiz Carlos Junqueira Filho. Não tínhamos, a princípio, um objetivo a perseguir, mas estávamos imbuídos da intuição de algo que se fazia desejável e necessário – a construção desses espaços de relação. Desde então, muito se transformou ao longo dessas cinco edições.

Aproximando-se dos modelos estéticos, a psicanálise – ainda nos desdobramentos de 1920 – tende a migrar do lugar de observação para o lugar do *ser com*; surgem, por outro lado, os apelos contundentes das questões que emergem do social, de outras áreas da cultura e, ainda, de outras culturas. Passamos a falar também de uma psicanálise implicada. Implicada no sentido de comprometer-se e no sentido de transformar-se. E transformar-se foi o que experimentamos.

Nossa V Bienal já estava pronta quando fomos atravessados pelo surgimento da covid-19. Planejada para acontecer em maio de 2020, estávamos às vésperas de sua abertura quando, em 11 de março, foi decretada a pandemia pela Organização Mundial de Saúde. Medidas sanitárias drásticas precisaram ser tomadas e a maioria, se não a totalidade, dos eventos foi sendo suspensa no país. Por um momento, todo o nosso projeto ficou ameaçado de não se realizar. Em meio à frustração de ver naufragar cerca de dois anos de trabalho, vivíamos a tristeza espalhada no mundo. Precisávamos resistir como os refugiados e lutar, buscando força na criatividade e na adaptação. Fomos elaborando nosso luto. Aquele evento, que originalmente fora pensado para ser apresentado em três dias consecutivos e de forma presencial – a única utilizada até

então – precisou ser todo reformulado, num trabalho hercúleo, para uma apresentação online, e o que seria realizado em três dias foi dividido em pequenas partes apresentadas no decorrer de alguns meses.

Podemos pensar que todas as transformações com vistas à sobrevivência desse evento – entre elas a formatação para apresentação online, uma experiência inédita –, somadas aos impactos incontornáveis de todos esses desastres em nossas vidas – a convivência diária com a escalada no número de mortes para centenas, milhares, por exemplo –, tenham formado uma conjunção da qual se originou uma linguagem potente.

O desdobramento do evento em pequenos encontros ao longo de meses nos colocou numa perspectiva temporal e nos ajudou, por um lado, a conter mais suficientemente o absoluto e o aterrador daquele presente e, por outro, a alimentar graus de perplexidade e estranheiridade necessários a reflexões mais elaboradas ou, ainda, a introduzir o tempo para a inconscientização apropriada ao pensar, enfim, uma conjunção que nos trouxe para mais perto da contemporaneidade ativa que se deseja de um evento de psicanálise e cultura. Essa continuidade dos encontros nos levou a uma inserção no acontecer da própria vida, um ir sendo que tornou esse evento um acontecimento em si – objeto de reflexão. Um fato provocador porque engajado e reflexivo a um só tempo.

Temos a pretensão de que essa versão gráfica da V Bienal de Psicanálise e Cultura da SBPRP traduza a beleza, a verdade e algo do calor de que usufruímos nesses encontros, nesses espaços de *con-viver*. Agradecemos, mais uma vez, aos nossos ilustres convidados que aqui se fazem presentes com seus textos e imagens.

Referências

Agamben, G. (2009). O que é o contemporâneo? In *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (V. N. HonesKo, Trad.). Argos.

Cassirer, E. (2001). *Ensaio sobre o homem: introdução da filosofia da cultura humana* (2a ed.). WMF Martins Fontes.

Freud, S. (1990). Projeto para uma psicologia científica. In *Obras Completas*. (Vol. I, 3a ed.). Imago.

Introdução

Josimara Magro F. de Souza

Guiomar Papa de Moraes

Em meados de 2018, o mundo assistia a um fluxo impressionante de migrações, principalmente nas rotas do Mediterrâneo, de grupos vindos da África e do Oriente Médio tentando entrar na Europa, muitas vezes em embarcações precárias e viagens desastrosas. À medida que esse fluxo aumentava, as fronteiras se enrijeciam, num movimento assustado e hostil contra o estrangeiro – esse estrangeiro tornado inimigo e ameaça. O grupo de psicanalistas reunido com o objetivo de organizar a V Bienal de Psicanálise e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) tinha esse cenário como fundo.

O ano de 2020 se aproximava e, com ele, o centenário de um dos mais importantes textos freudianos, “Além do princípio do prazer” (1920/2020a). O título desse artigo já anuncia novas fronteiras para a teorização psicanalítica. Freud nos avisa, logo no início, que seu texto será “pura especulação”, e o vemos ali se aventurar por indagações filosóficas buscando saber quando e como se inicia a vida e, mais radicalmente, interrogando-se sobre o que vem ser a vida afinal, a vida sempre ladeada pela morte. Nesse artigo, os confins da teoria psicanalítica se expandem e surge o conceito de pulsão de morte – a morte colocada ali, no surgimento da vida. Onde estariam as fronteiras entre a vida e a morte?

Imersos no clima de grandes migrações e nas reflexões sobre o estrangeiro que nos habita e assombra e navegando nas inspirações de um grande trabalho teórico como “Além do princípio do prazer”, o tema das (im)permeáveis fronteiras foi, aos poucos, se configurando e se impondo.

Seriam indispensáveis as fronteiras?

De um lado, temos a noção de que nossa existência só faz sentido no coletivo, no encontro com o outro, com a alteridade, pois o “um” só se descobre na relação com o outro e só existe se for “com”. De outro, a visão de que é na fronteira do espaço privado e íntimo que o indivíduo se constitui e sua experiência de ser “um” se funda, tornando-se um ser singular. Mas as relações humanas não se constituem facilmente.

Em outro texto seminal, “O mal-estar na cultura” (1930/2020b), Freud coloca que esse tensionamento inevitável entre o individual e o coletivo gera um permanente mal-estar a ser enfrentado pelo ser humano e pelas sociedades humanas. É nesse texto que ele traz o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, descrevendo a humana necessidade de ser especial e superior a outros e a consequente hostilidade de uns contra outros. Assim, Freud foi desenvolvendo sua aguda observação das dores humanas, vividas intimamente, nas instituições e na cultura. E identificou que, para além de forças amorosas e construtivas, os homens podem se aniquilar com a própria destrutividade. Reconheceu ainda que na vida pessoal e grupal o traumático que não é representado é repetido, nos alertando, dessa forma, para a importância da tomada de consciência de nossa história e da lembrança e elaboração das experiências traumáticas, libertando escolhas criativas e construtivas.

Nosso grupo se aprofundou nessas reflexões e viveu uma experiência de debates acalorados, de encontros e desencontros nas diferenças de opiniões e vértices, em que foram possíveis o consenso e o dissenso. Desse trabalho, e do desdobramento da questão das fronteiras em diversos temas, um rico programa foi elaborado. Maio de 2020 se

aproximava e tudo estava organizado para um evento presencial, onde se entremeariam apresentações artísticas, estímulos audiovisuais e palestras de pensadores de diversas áreas.

E eis que o mundo foi surpreendido pela pandemia do novo coronavírus: fomos todos convocados a nos recolhermos e todos os eventos foram adiados ou cancelados. Um mundo globalizado e com facilidades de deslocamento das pessoas de um lugar a outro espalhava o vírus rapidamente e tornava imperioso que nos isolássemos uns dos outros para que as cadeias de transmissão fossem interrompidas. Um vírus altamente contagioso parecia não encontrar barreiras para sua disseminação: muitos países fecharam suas fronteiras, voos foram suspensos, barreiras sanitárias se ergueram entre as cidades, escolas e instituições tiveram suas portas cerradas e até as janelas e as portas das residências trancaram-se à chegada do outro – cada ser humano poderia ser o portador indesejado do novo coronavírus.

Enquanto a V Bienal era forçosamente adiada, seu tema se impunha assustadoramente: tentávamos erguer barreiras de proteção (qual seria, por exemplo, a máscara mais eficiente?) e, ao mesmo tempo, aprendíamos a transpor barreiras e resistências contra a realização de encontros, reuniões e atendimentos online. E então, após um intervalo silencioso, em que todos seguiam recolhidos em suas casas, acompanhando atônitos os acontecimentos, as reuniões do grupo organizador foram retomadas e todo o programa, transformado e adaptado para um evento online (dividido em quatro partes ao longo de meses, como organizado neste livro).

Nem em nossos piores pesadelos teríamos imaginado que acompanharíamos a tragédia sanitária que se instalou no planeta, e em especial em nosso país, e que expôs nossa grave desigualdade social e as precárias redes de proteção de que dispúnhamos. A tragédia de que éramos testemunhas mostrava, como que em uma fratura exposta, nossa fragilidade diante da natureza e o quanto dependemos uns dos outros. A tragédia escancarava que não só frágeis diante da natureza,

temos sido também arrogantes e vorazes, como se fôssemos donos dos recursos terrestres e pudéssemos consumi-los descuidadamente, sem reflexão e sem limites – a relação natureza-cultura precisava ser urgentemente questionada e recolocada e o ser humano necessitava sair desse lugar de suposta superioridade.

Em meio à pandemia da covid-19, um acontecimento nos Estados Unidos agitaria ainda mais as pessoas: em maio de 2020, George Floyd, um cidadão negro, foi brutalmente assassinado por um policial, fato que gerou indignação em escala mundial e foi o mote para cerca de 7,7 mil manifestações associadas ao movimento Black Lives Matter. Inspirados por esse contexto, em 22 de agosto de 2020, realizamos o evento Pré-Bienal com o tema “Colonialidade e racismo”. Nessa data, o mundo já registrava mais de 800 mil mortes pela covid-19 e a média móvel de mortes no Brasil superava 980 por dia. A tragédia sanitária escalou até números devastadores: na última semana de março de 2021, o Brasil chegou a registrar quase 4 mil mortes em um único dia. Encerramos a Bienal em abril de 2021, quando a vacinação caminhava lentamente e já contávamos cerca de 350 mil mortes.

É na experiência que alguns conceitos podem se realizar ou não. Na geografia, o conceito de limite difere do conceito de fronteira. O limite é a linha divisória que demarca espaços e territórios e é criado para controlar e regular atividades e interações (representado, nos mapas, pelo tracejado). Já a fronteira é entendida como área ou lugar de contato e de integração, onde ocorrem trocas entre as duas partes, sendo então um espaço de construção social. E em todo o processo vivido pelo grupo organizador, ao planejar, adiar e replanejar a V Bienal, experimentamos esse espaço de fronteira: fronteira entre os mundos pré e pós-pandemia, entre um evento presencial e um evento online, entre estarmos juntos virtualmente e, ao mesmo tempo, separados.

O livro que o leitor tem em mãos procura ser um registro dessa intensa experiência. Ele foi organizado respeitando a forma como o evento foi realizado.

Iniciamos com o texto de Ignácio A. Paim Filho sobre o centenário de “Além do princípio do prazer”, que nos conduz a um passeio pela obra freudiana e à inflexão provocada pelo artigo de 1920, e uma entrevista com esse autor. Essa conferência inicial foi acompanhada pela apresentação online da orquestra Mundana Refugi, composta por músicos de várias partes do mundo, prova viva da possibilidade de convivência e criatividade nas diferenças. Depois, no artigo “O que a ausência de pensamento tem a ver com o mal”, Douglas Garcia Alves Júnior tece reflexões importantes a partir da obra de Hannah Arendt. A psicanalista Silvia Bracco então nos apresenta “O perigo mora ao lado? Algumas reflexões sobre o tema do preconceito”, em que discorre sobre seu trabalho na escola Acaia, na cidade de São Paulo, que atende moradores de favelas no entorno do Ceagesp, na cidade de São Paulo. Acompanhando os textos de Douglas e Silvia temos as fotos da apresentação “Chiaroscuro”, do grupo de dança Plêiade, representação visual sobre o tema da banalidade do mal.

O documentário *A linguagem do coração* abriu a segunda parte da V Bienal, trazendo a experiência de refugiados na cidade de São Paulo, tema também do artigo “A xenofobia, o estrangeiro e o *Unheimliche*: elucidações entre o político e o psicanalítico”, dos psicanalistas Diego Amaral Penha e Miriam Debieux Rosa. O músico e poeta Rogério Miranda introduziu a questão do racismo com seu poema e apresentação audiovisual, sendo seguido pelas reflexões de Lia Vainer Schucman no artigo “Branquitude e subjetividade” e pela entrevista com a psicanalista Wania Cidade. Lia e Wania nos convocam a encarar nosso racismo estrutural e nossa branquitude e a refletir sobre o quanto as instituições brasileiras produzem e reproduzem as desigualdades raciais.

Em março de 2021, quando foi realizada a terceira parte do evento, o drama da pandemia caminhava para números assustadores e uma nota de pesar foi lida antes das apresentações. Essa nota foi reproduzida neste livro, por ser uma expressão do horror que vinha sendo vivido por

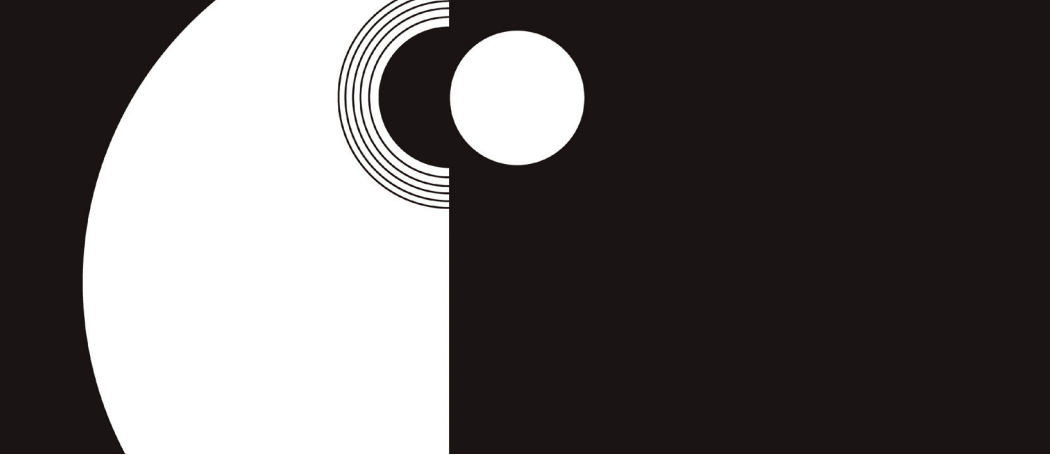
todos. Abordando também o momento, publicamos a carta aberta lida no evento pelo psicanalista Miguel Marques, então presidente da SBPRP, testemunho de tempos sombrios. Nesse dia, o tema dos refugiados em seu próprio país foi aberto por um sensível documentário de André Pingo, cujas imagens acompanham o texto elaborado por Mônica Guimarães Teixeira do Amaral. Magda Pucci, com seu documentário *Rupestres sonoros* e seu texto “Aproximações com as musicalidades indígenas”, vem acompanhada de Ailton Krenak e seu artigo “Vamos nos encantar com a vida na Terra”. O psicanalista Sergio Lewkowicz enriquece essa discussão com o artigo “Ideias e sonhos para adiar o fim do mundo subjetivo”.

Finalmente, chegamos à Parte IV da V Bienal: a potência da arte nas fronteiras. Marina Zema selecionou fotos de grafites que retratam a arte nas ruas do Grajaú, periferia da cidade de São Paulo, expressões vivas da criatividade e da sensibilidade de artistas que buscam trazer algo de humano à paisagem urbana, retrato da dura realidade vivida na periferia. Ana Cláudia Almeida e Alessandra Stocche nos apresentam a intersecção entre arte-sonhar-brincar e psicanálise vivida no contato com dona Jacyra e com Maria Vilani, filósofa, poeta e escritora que produziu “Todas as vozes ecoam em nós”, expressão da sua arte. O ensaio de fotos (das quais reproduzimos duas neste livro) com o nome “Pipas, meninos e muros” abriu a conversa com três psicanalistas que trazem aqui seus textos: Magda Khouri, com o texto “Gesto político e clínica psicanalítica”, Sergio Eduardo Nick e um artigo denominado “Soltando pipas nas fronteiras entre as comunidades e o infantil” e, finalmente, Silvana Rea e o trabalho “Além das fronteiras: territórios erodidos”.

Que a leitura deste livro valha a pena enquanto uma experiência também nas fronteiras – fronteira entre os diversos saberes e entre as palavras e as imagens. E que seja um testemunho desses tempos tão inquietantes.

Referências

- Freud, S. (2020a). *Além do princípio de prazer*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2020b). O mal-estar na cultura. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930)



“Enquanto a V Bienal era forçosamente adiada, seu tema se impunha assustadoramente: tentávamos erguer barreiras de proteção e, ao mesmo tempo, aprendíamos a transpor barreiras e resistências... É na experiência que alguns conceitos podem se realizar. O conceito de limite difere do conceito de fronteira: limite é a linha divisória que demarca espaços e territórios, que controla e regula atividades e interações. Fronteira é entendida como área ou lugar de contato e de integração, de trocas, um espaço de construção social. Nesse processo, experimentamos esse espaço da fronteira: entre os mundos pré- e pós-pandemia, entre um evento presencial e um evento online, fronteira entre estarmos juntos virtualmente e, ao mesmo tempo, separados. O livro que o leitor tem em mãos procura ser um registro dessa intensa experiência.”

Josimara Magro F. de Souza
Guiomar Papa de Morais

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2443-3



9 788521 122443 3



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

(Im)permeáveis fronteiras

V Bienal de Psicanálise e Cultura da
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto

Lia Fátima Christovão Falsarella, Cybelli Morello Labate,
Guiomar Papa de Moraes, Josimara Magro Fernandez de Souza,
Julio Cesar Tadeu Chavasco Labate,
Maria Aparecida G. Galiote B. Pelissari,
Maria Bernadete Figueiró de Oliveira

ISBN: 9788521224433

Páginas: 301

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
